

CASA DE
CAMILO



Noites de Insónia

11 novembro 2020

Formador: João Paulo Braga

CONHECIMENTOS ÚTEIS

(LÃS E ALGODÕES)

No princípio, Adão e Eva amanheceram nus, e estavam contentes, ao que parecia, com a singeleza do seu trajar. Não está sobejamente averiguado se Adão e Eva anoiteceram contentes, no primeiro dia da humanidade. O certo e sabido é que se vestiram de folhagem de figueira, logo que a serpente os embaiu a comerem do fruto proibido. Devemos disso inferir que o pudor foi consequência do pecado; e que, a não existir o pecado, esta bonita coisa, que se chama pudor, faltaria à beleza da mulher; e os poetas, e romancistas, e moralistas desconheceriam um manancial de graciosos discursos, sermões, e madrigais, que correm impressos acerca do pudor. Ainda assim, melhor fora que Eva não desse trela à serpente, e que a virtude ingênita da inocência nos deixasse andar, sem vergonhas do mundo, quais saímos das mãos do Criador.

Ao crime da desobediência, seguiu-se o do

homicídio, praticado por Caim. O homem, que matou o homem, não sentiu repugnância em matar os bichos, e particularmente os carneiros. Com a morte violenta dos carneiros, veio a reforma no vestido. Começaram os homens a vestir-se com as peles das suas vítimas, e não foi sem razão, atendendo que, no outono, se despejavam secas as folhas das árvores e o pudor ficava em transes até à primavera.

Passou o carneiro a ser civilizado na companhia do homem, e o homem reconheceu a conveniência de tosquiá-lo anualmente, em vez de o matar. Os animais de lã branca eram os preferidos. Consta da Bíblia que Labão deu a Jacob, para apascentá-lo, o rebanho dos lanígeros apintalados, e a seus filhos encarregou o pastorearem o rebanho de felpo negro, que dispensa tinturaria, e o rebanho de felpo branco estreme.

Não se sabe quem inventou a fiação. Dizem os historiadores que Penélope e Lucrecia fiavam; mas a primeira no que primou foi na tecelagem. Na Grécia a fiação chegou a subido aperfeiçoamento.

Os carneiros tiveram grande consideração em Roma. Os censores legislaram prémios aos cultores da lã, e coimas onerosas aos proprietários descuidados do melhoramento dos carneiros, cujas raças se apuravam em Tarento. Os carneiros, chamados *merinos*, originários de Espanha, eram os mais preciosos. A antiguidade não conheceu

outro estofo, e com ele fabricavam as túnicas recamadas de enfeites.

Deve-se ao cuidado dos mouros, dominadores da Península, a raça mais avantajada de todas, a do carneiro merino. Os primeiros que apareceram em França, foram de Espanha em 1757; e em 1775 pôde obtê-los a Áustria. A Espanha, em melhores tempos, até com os seus carneiros mandava a civilização aos centros dela.

A Inglaterra tem lá consigo este provérbio: «O carneiro é o termómetro da prosperidade de um povo.» Ora vejam onde está a prosperidade! E nós, os portugueses, temos muito mais barões que carneiros! E, depois que temos rebanhos de barões, pedimos frades; e de carneiros apenas se lembram alguma vez os legisladores para lançarem contribuições aos lavradores que os têm; os quais lavradores, para não pagarem o imposto, comem os carneiros. E como, a passo igual, mingam os carneiros e crescem os barões, pode afoitamente, e sem receio de paradoxo, dizer-se que o barão mata o carneiro, assim como *isto mata aquilo*, no dizer do mestre Victor Hugo.

Vejamos como a Inglaterra se constituiu rainha do Universo, que conquistou com o carneiro.

Diz David Law: «Quando, em 1778, uma *leva* de condenados ingleses foi transportada a Botany Bay para coadjuvar os colonos de lã e estabelecer rebanhos permanentes, passaram para ali de Bengala carneiros de raça pequena,

de pelo hirtó, como eles são naquela parte da Índia. Notou-se logo que estes anãzados animais se melhoravam a olhos vistos com a mudança de clima e pasto. A lã desbastou-se, passando a ser brando felpo, conquanto não fosse mais fino. Doze anos depois desta auspiciosa experiência, a colônia tinha seis mil carneiros, os quais, proliferando com os de Espanha, vieram a dar lã quase igual à dos merinos.»

Este exemplo, com outros análogos, explica a prosperidade da Inglaterra, e tudo vem argumentando a favor do carneiro como termómetro para avaliar a riqueza de uma nação.

É muito para louvar a Deus a susceptibilidade de aperfeiçoarem-se, que ele deu a alguns animais destituídos de razão, como parece que é o carneiro, segundo a opinião dos naturalistas. Com a espécie humana foi mais esquiva a liberalidade do Criador.

Entre nós, e nestes últimos trinta anos, vão-se as raças mesclando e procriando; mas a progénie, no máximo das vezes, sai ou mais mazorra que os progenitores, ou mais defecada e entanguida. O carneiro lãzudo de Botany Bay melhorou; o lãzudo racional transmite à prole o canhestro da sua figura e do seu espírito; tudo, pelos modos, feito à semelhança de Deus. O carneiro, pois, é muito mais progressista do que o homem; e é-o porque não cria teoria de progressos, e se deixa ir impassivelmente à vontade da Providência, que o fez carneiro; e não é como o homem,

que ousa sujeitar aos moldes de suas fantasias o destino da humanidade, delineado na mente do Criador.

Tornando à parte succulenta e erudita deste artigo, darei notícias acerca do algodão, as quais andei escavando no pó das bibliotecas, para afinal de tudo me sair com um artigo, que me há-de carear o desamorável epíteto de erudito, que em linguagem de damas literatas e paraltas, formados em Alexandre Dumas, é sinónimo de maçador.

Heródoto... Heródoto! que nome! só o escreverê-lo é uma ejaculação de sabedoria! É este um nome que dá de quem o escreve a severa imagem de um doutor em cânones, com barrete de troçal, e a pitada do meio-grosso engatilhada ao nariz.

Heródoto, que floreceu 445 anos antes da vinda de Cristo, diz que há na Índia umas árvores silvestres, que frutificam uma lã mais bela e fina que a das reses, da qual os indígenas se vestem.

Virgílio, nas Geórgicas, também menciona a árvore do algodão. Estrabo viu telas de algodão, matizadas de flores pintadas. Plínio, Teofrasto, Arriano, e outros excruciantes cáusticos da paciência humana, dizem todos que há árvores que produzem algodão, coisa que eu não contesto. A propósito do algodão, vou dar-lhes um romance, intitulado

O ALGODÃO

I

Era no baile natalício do barão de ***. Festejava ele os anos de sua formosa filha Etelvina, que se morria de amores de um jovem que tinha diferentes gravatas, várias bengalinhas, e um pé muito pequeno, cujo calcanhar assentava num supedâneo, quatro dedos acima do botão da bota. Chamava-se Porfírio, e era céptico, e rico.

Etelvina queria-lhe da alma, e escrevia-lhe pela posta interna cartas, que eram modelo, afora a ortografia. E ele, o céptico, para dizer que o era, escrevia «*cinto* que estou *cético*». Corriam parelhas em ortografia, e como parelha que eram, escouceavam a prosódia.

Estavam, pois, no baile.

Porfírio entrara, e, feitos os cumprimentos, foi fumar. Voltou à sala, e disse a Etelvina, com fátuo sorriso de quem disfruta o próximo: «Está hoje muito bonita; o seu seio é de jaspe.»

E, quando isto dizia, ouviu uma voz de um grupo, que o escutava, acrescentar:

— E de algodão.

Porfírio encarou no homem que tal dissera; mediu-o de alto a baixo, e murmurou:

— Retire a palavra.

— O algodão?

— Sim, o algodão.

— Não retiro, cavalheiro, porque eu sou o proprietário do peito daquela fada.

— Mente! — replicou Porfírio.

— Pois bem: as nossas espadas abrirão bocas mais verdadeiras.

II

No dia seguinte, quatro padrinhos acordaram que os bravos se degolassem no campo da honra, e depois se dessem mútuas explicações acerca do algodão. Porfírio arremeteu furioso contra o adversário, e estragou-lhe o punho da manga direita da camisa. O proprietário *soi-disant* do peito de Etelvina cortou uma orelha da gravata azul celeste de Porfírio.

Os padrinhos lavraram e assinaram a seguinte acta do duelo:

«Considerando que os cavalheiros Porfírio de tal e Felisberto de tal se houveram corajosamente no pleito de suas honras;

Considerando que o motivo da sua discórdia assentava numa alusão a uma dama, que no en-

tender de um tinha peito de jaspe, e no do outro de algodão;

Considerando que o cavalheiro Felisberto ofendera o cavalheiro Porfírio, denominando-se proprietário do peito da dama;

Considerando que efectivamente, depois do duelo e mútuo desagravo, o senhor Felisberto tirou do fundo de um chapéu umas pastas convexas de algodão que disse serem sua propriedade, havida por consentimento da dama, que ele amara com acrisolada ternura;

Considerando mais que a honra do peito de uma senhora não pode estar à mercê de um equívoco;

Os dois cavalheiros, ouvidos os padrinhos, retiraram as expressões com que suas dignidades estavam feridas, e resolveram mandar à dama o algodão sobreposto a uma empada de pombos em forma de coração.»

Segue ⁽¹⁾ as assinaturas dos padrinhos.

III

Etelvina comeu o pastel.

CONCLUSÃO

Porfírio, passando ao escurecer debaixo das janelas de Etelvina, recebeu uma baldada de água

(1) Assim na 1.ª edição. — M. J.

pela cabeça, e ficou constipado, oito dias de cama.

Quando se levantou, viu nos jornais a notícia do casamento de Felisberto com Etelvina. Tirou uma cópia da acta do duelo, e mandou-a ao noivo.

O noivo, nas costas do traslado, que devolveu pelo mesmo portador, escreveu o seguinte:

«Não seja tolo.»

In *Noites de Lamego*, de Camilo Castelo Branco.